

CRIAÇÃO

DE BOM TOM

Andréia Pires

andreaapires@gmail.com

Não que sejamos vegetarianos, não o somos completamente. É que se o apetite pende para um assado, um churrasco, um bife grelhado, preferimos fazer a refeição fora de casa, em um restaurante ou lancheria. Não deixa resquícios pela casa. Gosto de pensar que são escrupulosos o que nos aflora e um certo senso ético, e que aos poucos vamos caminhando para longe de vísceras, pele, carcaça animal. Quem sabe, um dia no futuro, não tenhamos substituído absolutamente toda provisão morta por folhas de couve e grão de bico – que são luz, dizem. Quem sabe.

No Natal, ele ganhou um conjunto de apetrechos do assador. Tábua de carne, garfo de dois dentes, um abridor de latas que é ao mesmo tempo saca-rolhas e canivete, e a faca. A faca afiada de destrinchar cortes. Os cabos são todos vermelhos. E é uma lástima que todas essas coisas tenham ganhado alguma serventia em nossa casa a não ser a faca afiada de destrinchar cortes, que tem cabo vermelho.

Eu gosto de vermelho. É cor de impacto. Roxos também são cores de impacto, mas prefiro vermelho. Vermelho cabo combinando com prata lâmina inox, uma bela dupla. Nada de roxos na ponta dos meus dedos ou da minha boca quando fico assustada com gritos vindos de baixo, insultos pela janela às 2h da madrugada, pancadas na porta, abordagens furtivas e despropositadas na parada de ônibus. Roxos destoam do tom dos meus cabelos. Vermelho é na medida. Impacto é evitável, mas foge do meu controle.

Insisti para encontrarmos logo uma função para a faca afiada em nossa casa antes que. Mas acontece que os antes são rápidos demais, chegam cedo, antecipam-se às ponderações, e então não há o que remediar. Uma faca, afiada, vai encontrar um destino adequado e proporcional a si no ambiente em que se instala. Isso independe da vontade de quem quer que seja, assim atestam todos os filmes de terror da humanidade. Facas se governam. E operam, não mandam recado.

Estava só ontem à noite quando os impactos começaram a chegar, primeiro zoerentos e longe, depois cada vez mais retumbantes e próximos até que no meio da porta da entrada. Pancadas, insistentes, de punhos fechados, insanos, inconvenientes, ninguém convidou. Afiada, a faca empunhou-me a mão direita e carregada junto ao meu peito – o coração do lado vermelho de fora – deslizou meus pés pelo piso frio sem deixar ruído.

Tum, tum, tum, tum.

Pancadas, socos, a porta da frente devassada pela intrusa reincidente e sua energia de inferno.

– Abre, porra! – a voz furiosa do lado de fora.

Assenti. Atendi. Abri. Disse pois-não. Fechei a porta. Virei a chave. A fiz entrar, estarrecer, calar. Parar.

Cavamos, afiadas e vermelhas, uma duas muitas vezes pelo pescoço, rosto, ombros, estocamos abaixo das costelas, fatiamos dedinhos das mãos e dos pés, retiramos os globos oculares das órbitas e a língua pelo talo, separamos os pedaços em partes iguais, que gostamos de simetrias e regularidades, enfiamos tudo em potes plásticos e sacos ziplock e empilhamos cada porção no freezer. Tive que passar sozinha o pano úmido no chão para apagar as nódoas e respingos. Exaurida que estava, faca achou por bem descansar sobre o balcão da pia. Compreensível, não estava acostumada.

Os cães e o gato os encerrei no banheiro para que não lambessem os resquícios. É tão difícil

evitar o consumo de carne animal. Por que expô-los a tão degradante situação? Não que sejamos vegetarianos, não o somos completamente. Mas sabemos que seria de bom tom ser.